

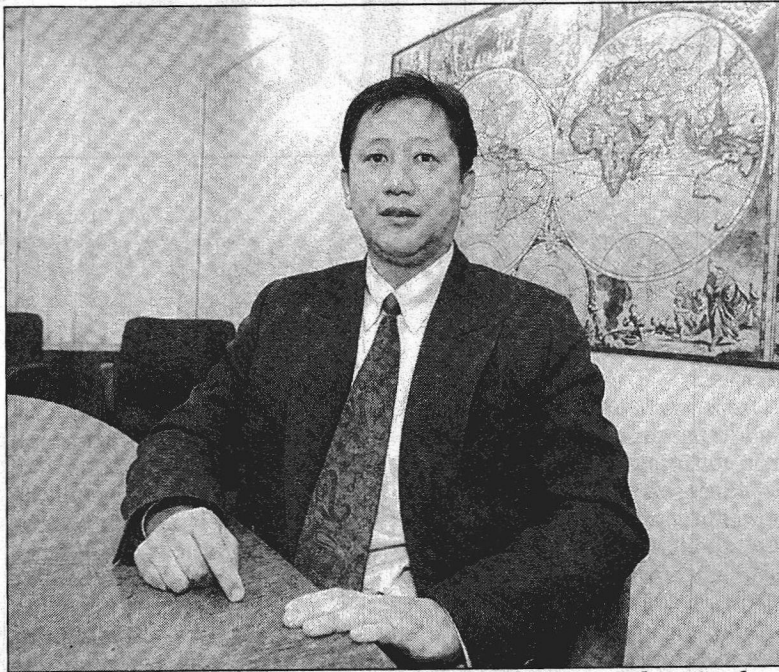
As novas orientações para o investidor

Com o cenário mais positivo, aplicações prefixadas voltam a ter charme

SERGIO LAMUCCI

A significativa melhora do cenário econômico, marcada pela recente queda dos juros, recuo do dólar e alta das bolsas, traz algumas modificações para o investidor: as aplicações prefixadas recuperaram um pouco do charme, podendo tomar algum espaço dos fundos DI; já o investimento em ações, embora ainda deva continuar sendo feito por prazos longos, conta com melhores perspectivas, pois o capital estrangeiro começa a voltar aos pregões.

O diretor de Administração de Recursos de Terceiros do Banco AGF-Braseg, Kazuhiro Miyamoto, aponta vários fatores que melhoraram a percepção do risco Brasil nas últimas semanas, como o anúncio do novo acordo com o FMI, as medidas tomadas pelo Banco Central (BC) para aumentar a oferta de dólares, a aprovação da CPMF pela Câmara e a divulgação de índices de inflação abaixo do esperado, por conta da recessão. Esses fatores permitiram a queda dos juros, de 45% para 42% ao ano. Além disso, vários bancos e empresas brasileiros já captaram ou vão captar recursos no exterior nos próximos dias.



J.F. Diorio/AE

Miyamoto: renda fixa segue melhor opção, porque juros ainda estão altos

Miyamoto entende ainda que a maior parte dos recursos deve ser aplicada na renda fixa, pois os juros continuam bastante elevados. Segundo ele, para o investidor conservador, os fundos DI, que seguem as taxas de juros, ainda são as melhores opções. Ele indica as aplicações prefixadas, como CDBs e fundos de renda fixa tradicionais, para quem é mais ousado, investe por prazos maiores e tem grandes quantias, o que permite obter taxas mais atraentes. As aplicações pref-

xadas costumam ser mais interessantes quando a tendência dos juros é de queda, como agora.

As bolsas subiram bastante nas últimas semanas, refletindo a reversão de expectativas em relação à economia. A continuidade dessa alta depende da participação mais ativa do capital estrangeiro nos pregões, o que está ligado à efetiva adoção do ajuste fiscal. Os investidores vão verificar atentamente se o governo está cumprindo as metas fiscais acertadas com o FMI.